
A leitura e a escrita em crianças com Déficit Específico de Linguagem

Arabie Bezri Hermont*

RESUMO

Este artigo apresenta os principais resultados da pesquisa que foi realizada com o objetivo de estudar a produção e compreensão da linguagem, além das habilidades de leitura e de escrita por parte de indivíduos considerados DEL, ou seja, com Déficit Específico de Linguagem. Os resultados obtidos após a aplicação de testes apontam para um quadro de heterogeneidade linguística dentre os indivíduos diagnosticados como sendo DEL e uma melhora nas habilidades linguísticas à medida que o indivíduo vai ficando mais velho. A discussão feita no artigo visa a verificar se problemas na aquisição de leitura e de escrita apresentados por alguns indivíduos têm relação com déficits linguísticos relacionados à produção oral e compreensão da linguagem. É ainda discutida a possível ligação ou não de déficits linguísticos a outros déficits de caráter cognitivo mais geral.

Palavras-chave: Déficit específico de linguagem. Aquisição de linguagem. Leitura e escrita.

1 - INTRODUÇÃO

Acena é conhecida. A professora de uma turma de alunos com idade entre cinco e sete anos percebe uma heterogeneidade em vários aspectos que envolvem o ser humano: alguns alunos são mais calmos, alguns mais agitados, alguns têm tendência a gostar de artes, pinturas, desenhos, outros têm aptidão para esportes etc. E assim a história se repete. O que é normal! Mas há um outro consenso também entre as professoras: há, muitas vezes, aquele aluno, que, por alguma razão desconhecida, não sabe se expressar bem oralmente, não consegue aprender a ler e a escrever. E aí surgem as sugestões, as opiniões e algumas certezas: Fulano é um menino que ainda não

sabe se expressar bem e não aprende a ler, Sicrano não aprende nada, Beltrano tem problema de aprendizado, de cognição. Ou, em outros casos, as opiniões são de que a criança é até inteligente, mas é preguiçosa, distraída e não presta atenção ao que a professora lhe diz. Ou indisciplinado! As falas são mais ou menos assim: “aprender, ele aprende porque aprende a fazer coisas erradas, mas não presta atenção em nada e não aprende o que tem que aprender!”. Alunos que apresentam esse comportamento são logo encaminhados para especialistas e, muitas vezes, os resultados desejados, que são o aprendizado da leitura e da escrita, não são alcançados.

Entretanto, em alguns casos, o desconhecimento dos fatores que levam um indivíduo a não aprender especificamente a ler e

* Doutora em linguística. Professora adjunta do Curso de Letras da PUC Minas.

a escrever pode não estar ligado a um déficit cognitivo mais generalizado. Nesse sentido, faz-se mister um cuidado maior na observação dos problemas apresentados pelas crianças quando do processo de aquisição da leitura e da escrita. Sabemos que os tratamentos psicopedagógicos, fonoaudiológicos e psicológicos produzem bons resultados. Contudo, o que parece ser mais difícil é o diagnóstico adequado do real problema do indivíduo.

As duas perguntas que quero fazer nesta introdução e que servirão de escopo para este artigo são: (a) problemas na aquisição de leitura e de escrita podem ser problemas ocasionados por déficits linguísticos subjacentes? e (b) todos os problemas de linguagem são derivados exclusivamente de um retardo cognitivo? Para esta discussão, vamos, inicialmente, introduzir o conceito de Déficit Específico de Linguagem (DEL) e verificar as várias terminologias que tal síndrome já teve e analisar algumas definições de DEL. Procuraremos, ainda, caracterizar a síndrome, mostrando os principais aspectos que a constituem. Em seguida, usaremos dados de uma pesquisa com crianças que tiveram ou têm dificuldade no processo de aquisição da linguagem, em seus vários aspectos: produção e compreensão da língua falada, leitura e escrita. A conclusão para a qual se encaminha este trabalho é a de que, a despeito de muitas crianças terem problemas na aquisição da linguagem, outros fatores cognitivos nem sempre são os responsáveis pelo déficit de linguagem.

2 - O DÉFICIT ESPECÍFICO DE LINGUAGEM - DEL

A aquisição de língua por parte das crianças sem queixas de problemas de linguagem se dá de forma natural e, desde muito pe-

quenas, elas já internalizam todas as propriedades da gramática de sua língua. Aos seis anos, por exemplo, a criança já apresenta uma capacidade de usar os símbolos linguísticos, obtendo-se uma ilimitada variação de combinações.

Na verdade, bem antes de as crianças produzirem as primeiras palavras, elas já registraram muitas informações linguísticas que estão disponíveis à sua volta. O bebê já sabe se uma sentença ouvida pertence à sua língua ou não. Desta forma, sutilezas da língua são percebidas pela criança desde seu primeiro ano de vida, possibilitando-lhe produzir palavras combinadas em estruturas, a fim de atender a seus desejos de comunicação. Ou seja, desde muito cedo, as crianças apresentam pleno desenvolvimento de suas habilidades de compreensão e de produção da linguagem. No entanto, para algumas crianças, a aquisição das habilidades linguísticas não se apresenta da mesma forma. Esse grupo de crianças não segue o padrão de desenvolvimento normal. São essas crianças caracterizadas como portadoras de um Déficit Específico de Linguagem, ou DEL.

Há estudos, mais divulgados nos Estados Unidos e em países da Europa, sobre uma síndrome, ou déficit, denominado SLI - Specific Language Impairment -, que costuma ser traduzido para o português como Déficit Especificamente Linguístico ou Déficit Específico de Linguagem – muitas vezes tratado como DEL. Tal síndrome ou déficit diz respeito à dificuldade de algumas crianças ao adquirir a língua.

Os estudos sobre DEL são feitos há cerca de 150 anos e o déficit já teve várias denominações. O DEL já foi conhecido como afasia congênita, desenvolvimento atrasado da fala, afasia infantil, afasia do desenvolvi-

mento ou, ainda, disfasia do desenvolvimento. Este último termo surgiu porque o prefixo “a-” de “afasia” implicava ausência de linguagem, o que não correspondia aos fatos, e o prefixo “dis-” designaria somente problemas de linguagem. O termo, cuja abreviação é DEL, é mais usado nos dias de hoje, fazendo alusão ao fato de que as crianças com tais problemas de linguagem teriam, em princípio, problemas exclusivamente linguísticos. Há, também, quem aponte o déficit como um transtorno, denominando-o como Transtorno Específico de Linguagem (TEL).

Perfazendo um caminho histórico, verificamos que já em 1822 Gall (1758-1828) publicou uma descrição de crianças que tinham problemas de linguagem, mas que não pareciam ter problemas de outra natureza.

There are many children... who do not speak to the same degree as other children although they understand well or are far from being idiotic. In these cases the trouble lies not in the vocal organs, as ignorant sometimes insist, and still less in the apathetic state of the subject. Such children, on the contrary, show great physical vivacity. They not only skip about but pass from one idea to another with great rapidity. If one holds them and pronounces a word in their ear, they repeat it distinctly. 4 (GALL apud LEONARD, 1998, p.5-6).

Benton (1964) apontou DEL como afasia infantil e indicou o distúrbio como sendo:

The relative specific failure of the normal growth of language functions... the disability is called a ‘specific’ one because it cannot readily be ascribed to those factors which often provide the general setting in which failure of language development is usually observed, namely, deafness, mental deficiency, motor disability or

severe personality disorder.5 (BENTON, 1964 apud TOMBLIN, 1997, p. 91).

Avançando um pouco mais na discussão, podemos apresentar Benson e Geschwind (1985) que estudaram os sintomas mais frequentes na fala do indivíduo DEL: produção de menos que 50 palavras por minuto, considerável esforço para produzir palavras, articulação pobre de sons da fala, uma tendência a produzir frases de comprimento pequeno (frequentemente uma palavra), perda de alguma melodia (disprosódia) e qualidades flexionais da linguagem, além de uma tendência a usar somente palavras de conteúdo significativas. Um traço saliente é o agramatismo, ou seja, uma tendência a omitir terminações sintáticas, tais como tempo verbal e plurais.

Enfim, o que se percebe, nos estudos sobre DEL, é que há uma percepção de que o desenvolvimento linguístico que ocorre na criança DEL difere daquele que ocorre com crianças sem queixas de problemas de linguagem.

As crianças DEL apresentam dificuldades no período de aquisição, embora não existam evidências, nos estudos sobre o fenômeno, de problemas que possam responder pelo déficit. De um modo geral, o critério específico para diagnosticar uma criança DEL é feito pela exclusão. Ou seja, a criança DEL tem dificuldade em relação à aquisição de linguagem, embora não deva ter problema de retardamento mental ou autismo, problemas nas habilidades motoras ou surdez. Além disso, a criança DEL deve ter seu quociente de inteligência (QI) não verbal⁶ igual ou superior a 85. Se a criança não tiver nenhum dos distúrbios além daqueles linguísticos e tiver o QI igual ou superior a 85, ela pode ser caracterizada como DEL.

É importante dizer que, a despeito de haver um consenso de que existem crianças com o Déficit Especificamente Linguístico, não há consenso em relação a um perfil homogêneo da criança DEL. Antes, a classificação de DEL apresenta um alto grau de heterogeneidade dentro da categoria. Isso porque a criança com DEL ora apresenta problemas relativos à produção linguística, com compreensão preservada, ora apresenta as duas habilidades comprometidas. Em outros momentos, em relação a crianças sem problemas de linguagem, algumas crianças DEL são mais atrasadas na aquisição de morfemas gramaticais e outras crianças podem apresentar os mesmos problemas linguísticos, mas de forma mais branda. Esta variabilidade pode ser refletida em vários outros domínios da linguagem.

Segundo Leonard (1998, p. 23), DEL é uma terminologia para classificação de crianças com problemas de linguagem. Entretanto, para o autor, tal denominação deve mudar até o momento em que as categorias de diagnóstico do DEL sejam refinadas. Para Leonard, há subgrupos de DEL. Van der Lely e Stollwerck (1996) vão além. Em seu artigo, identificam um grupo de crianças DEL, que elas denominam de crianças DEL Gramatical. A dificuldade dessas crianças estaria relacionada à morfologia flexional. Tais indivíduos, por exemplo, omitiriam, frequentemente, marca de tempo e concordância entre sujeito e verbo.

Embora os comprometimentos da linguagem sejam, de um modo geral, heterogêneos, algo em comum nesses comprometimentos da linguagem é que as crianças apresentam sinais de problemas logo no começo de sua aquisição da linguagem. É fato comum pais de crianças DEL queixarem-se que sua criança é lenta para começar a falar. Indicam também que não observam, em seus filhos, uma

evolução da linguagem frequentemente observada em crianças entre 18 e 24 meses. Esse atraso no início da aquisição da linguagem e no desenvolvimento da linguagem persiste na pré-escola e nos anos escolares seguintes.

Segundo Leonard (1998, p. 183), nem todas as crianças que começam a falar mais tarde serão diagnosticadas como sendo DEL, mas, de acordo com pesquisas, cerca de 1/4 à metade de tais crianças serão diagnosticadas como DEL em idade escolar. Na verdade, de acordo com o autor, a população de crianças DEL em idade escolar perfaz um total de cerca de 7% das crianças. Esse não é um universo pequeno e muitos pesquisadores, quando vão em busca de crianças DEL para serem investigadas, procuram-nas, inicialmente, em escolas. Um dos fatores que ajudam na detecção das crianças DEL em ambientes escolares é que, muitas vezes, essas crianças também apresentam problemas na aquisição de leitura e de escrita (cf. Leonard, 1998).

Para Rice e Wexler (1995), uma idade boa para diagnosticar-se o DEL é por volta de cinco anos, pois, nesta ocasião, espera-se que o desenvolvimento morfológico das crianças já corresponda ao da gramática do adulto.

Déficit Específico de Linguagem: está ligado a comprometimento cognitivo de caráter geral, o que afetaria outros sistemas cognitivos, dentre eles o linguístico, ou seria um fenômeno puramente linguístico?

Para tentarmos responder à pergunta do subtítulo acima, vejamos algumas definições de DEL, por alguns ainda chamado de disfasia, e prestemos a atenção nas relações que são estabelecidas ou não com outros problemas além daqueles linguísticos.

Consultando bibliografia em portu-

guês, encontramos, no capítulo “Disfasia”, de Jakubovicz (2002, p. 33) (que seria, conforme vimos, sinônimo de DEL), várias definições trazidas. Algumas parecem isolar o atraso na aquisição da linguagem de outros aspectos, tais como a de Launay e Borel Maissonny (1972 apud Jakubovicz, 1998), em que “disfasia” é um “Distúrbio funcional sem substrato de lesão orgânica clinicamente detectável” e a de Ajuriaguerra (1973 apud Jakubovicz, 2002) em que disfasia é associada à “Criança que apresenta um distúrbio da integração sem distúrbio sensorial ou fonatório, mas que se comunica com dificuldade apesar de não haver retardo mental”. (grifos meus).

Outras definições apresentadas em Jakubovicz (2002) tentam trazer a definição de “disfasia”, mas, como parece ser de difícil caracterização, sempre associam a outro déficit, como forma de esclarecimento. Por exemplo, Seeman M. (1976 apud Jakubovicz, 2002) aponta que a “disfasia é distúrbio da linguagem de origem central que pode ser dividido em dois grupos:

1. Disfasia de expressão, com sintomas iguais a uma afasia motora.
2. Disfasia de percepção, que se parece mais com uma afasia sensorial. (Grifos meus)

Por fim, temos uma definição de que os déficits apresentados pelo indivíduo DEL nunca terminam. Por exemplo, em Jakubovicz (2002), há a definição de J. Pena Casanova (1992 apud Jakubovicz, 2002), em que é apresentado que “a disfasia é um retardo simples que não desaparece depois dos 7 anos”. Neste caso em específico, o autor não faz uma diferenciação entre atraso de linguagem de atraso de outros domínios cognitivos.

Em Jakubovicz (2002), às vezes, pare-

ce haver indícios de que o desenvolvimento da linguagem é associado a outro desenvolvimento. Por exemplo, quando apresenta os aspectos da compreensão por parte de uma criança com disfasia, ela aponta dados retirados de Ajuriaguerra em que, além da disfasia, 50% dos casos têm também problemas de motricidade; em outros indivíduos disfásicos, 80% apresentam problemas de organização visoespacial e, por fim, em outras situações, 60% das crianças disfásicas têm também problemas de ritmo. O autor ainda acrescenta que as crianças disfásicas apresentam dificuldades em organizar sua linguagem, usando frases curtas, independentes umas das outras [...]. A compreensão verbal é sempre melhor que a expressão oral e, ainda segundo o autor, há distorção ou omissão de fonemas, além de haver problemas na evocação de classes e categorias sintáticas que acabam por produzir sentenças com interrupções frequentes e com inúmeras substituições de palavras. Há frases agramaticais e o número médio de unidades por enunciados é sempre abaixo da média de outras crianças da mesma idade e o aumento do enunciado é feito lenta e gradualmente.

Podemos ainda verificar que o autor (in Jakubovicz (2002), op. cit.) divide os sintomas entre “Sintomatologia oral e Sintomatologia não linguística”. No que diz respeito aos sintomas orais, que acredito que o autor quis dizer: problemas de produção e compreensão da linguagem, encontramos: dificuldade na percepção da fala - a aquisição do sistema fonológico muito lenta, mesmo quando a repetição isolada dos fonemas já é correta. O autor assinala que o número médio de unidades por enunciado aumenta lentamente ou pode ficar estacionado (e chama isso de “nível sintático”). Por fim, aponta que a linguagem do disfásico mantém-se unida às ações, difi-

cilmente chegando a uma narração ou a um comentário e que tais indivíduos, geralmente, só entendem e se fazem entender por um número limitado de pessoas.

Em relação à sintomatologia não linguística, o autor (op. cit.), inicialmente, assinala que alguns casos de disfasia inserem-se dentro de um quadro de deficiência mental, cujo grau não justifica a ausência da linguagem ou as enormes dificuldades de aprendizagem. Aqui podemos, então, inferir dois aspectos: (a) que há casos em que a disfasia não se insere em quadro de deficiência mental, (b) e que mesmo crianças com distúrbio mental adquirem a linguagem, pois, como assinala o autor, o grau de deficiência mental presente em algumas crianças não justificaria a disfasia. O autor aponta que, em alguns testes com crianças disfásicas, percebeu a existência de um déficit significativo quanto à memória sequencial, na capacidade de memória imediata, dificuldade tempo-espacial: não têm referências precisas e não sabem que dia é, em que estação estão, a que distância aproximada está a sua casa. Além disso, o autor aponta que, muitas vezes, as crianças disfásicas apresentam grandes dificuldades em discriminar sons e, principalmente, na ordem em que foram emitidos. Há alterações da atenção (dispersiva, duração reduzida, fadigabilidade) e o prolongamento, às vezes, excessivo do tempo de latência são características habituais, geralmente ligadas a um quadro de hiperatividade. Por fim, o autor cita que as crianças disfásicas podem apresentar dificuldade no desenvolvimento psicomotor, especialmente na motricidade fina.

A constatação que se pode fazer é que não há consenso se o DEL é uma síndrome que deve ser estudada sob um modelo de aquisição de linguagem mais amplo, ou seja,

se deve ser refletida, observando-se as interfaces entre fatores sintáticos, semânticos, cognitivos e perceptuais ou se tal déficit reflete aspectos linguísticos sem comprometimentos de outras ordens. Isso porque há autores que verificam o déficit linguístico sem nenhuma alteração em qualquer outro aspecto fisiológico, neurológico ou cognitivo, mas há autores que assim o admitem, sem, entretanto, haver uma convergência para os quadros que acompanhariam o distúrbio linguístico. Antes, são muito variáveis, tal como variável é o comportamento linguístico do indivíduo considerado DEL.

Exposto isto, podemos partir para uma discussão mais apurada acerca do que vêm a ser crianças disfásicas, que, de agora em diante, tomaremos a posição de chamá-las de crianças DEL. Esta tomada de posição ancorase nos resultados obtidos em Hermont (2005), em que foi feita uma pesquisa de caráter linguístico em duas crianças com problemas no processo de aquisição de linguagem, mas que não apresentavam nenhum outro problema de ordem física ou mental, de acordo com testes aplicados por uma psicóloga e por uma fonoaudióloga. Todas as crianças pesquisadas tinham histórico de dificuldade na produção e na compreensão da linguagem, além de extrema dificuldade para aprender a ler e a escrever.

Em Hermont (2005) as duas crianças investigadas apresentavam um QI não verbal que não configurava retardamento mental e, na pesquisa que ora mostramos, investigamos a linguagem de quatro indivíduos, que também não exibiam, na ocasião dos testes, nenhum comportamento que configurasse autismo, todos tinham QI não verbal equivalente ou maior que 85, não tinham problemas orais motores, não eram surdos e tinham histórico

de dificuldade de aquisição de linguagem. As características indicadas – dificuldade ou comprometimento linguístico – e nenhum problema cognitivo aparentemente responsável pelo déficit linguístico parecem corroborar para a denominação Déficit Específico de Linguagem - DEL.

3 - A PESQUISA REALIZADA

A pesquisa ora implementada tinha três principais objetivos. O primeiro objetivo era estudar a fala de crianças diagnosticadas como sendo DEL e entender como algumas categorias funcionais, quais sejam: tempo, concordância (no verbo e no SN), aspecto verbal e complementizador (que seriam “que” (por exemplo, em “Eu quero que você faça algo”), “se” (como em “Eu tenho minhas dúvidas se ela consegue realizar algo”) e “para” (como em “Eu torço para ela entrar na faculdade”)) estão representadas nas gramáticas de crianças com Déficit Especificamente Linguístico, contribuindo, então, para a discussão a respeito da representação de tais categorias tanto na gramática de indivíduos DEL, quanto de indivíduos adultos sem problemas de linguagem. Essa primeira fase foi ancorada nos pressupostos teóricos da Gramática Gerativa e cujos resultados serão explicitados em outro artigo.

O segundo objetivo era contribuir na definição de critérios linguísticos mais claros para que se proceda ao diagnóstico do DEL, que é tema bastante controverso e de difícil solução, já que tal diagnóstico é feito por exclusão. Os resultados desta fase também serão apresentados em outro artigo.

O terceiro objetivo era apontar possíveis causas linguísticas para o fracasso escolar deste indivíduo, pois a maior parte das

crianças DEL tem dificuldades no processo de aquisição de leitura e de escrita. Desta forma, era objetivo ainda desta pesquisa, a partir da análise de dados obtidos após a aplicação de testes, alimentar a criação de diretrizes pedagógicas para a condução de atividades que envolvam a leitura e a escrita.

Para fins deste artigo, vamos apresentar, brevemente, dados relativamente aos resultados obtidos na primeira fase do trabalho e, com maior ênfase, apresentaremos os resultados obtidos após a aplicação de testes que visavam a verificar a leitura e a produção de texto dos indivíduos DEL.

4 OS TESTES APLICADOS

Em um primeiro momento, aplicamos testes para verificar a produção oral, por meio de gravação da fala espontânea dos indivíduos diagnosticados como sendo DEL e por meio da aplicação de testes de eliciação, que têm o objetivo de provocar o surgimento de uma dada expressão linguística que se quer estudar. Foram aplicados também testes de compreensão, em que, mediante um quadro com três gravuras, o indivíduo DEL tinha que nos apontar a gravura correspondente à frase ouvida.

Ao aplicarmos testes de eliciação, a intenção era verificar a capacidade de o indivíduo DEL produzir formas verbais com morfemas de tempo e aspecto verbais e, nos testes de compreensão, a capacidade de a pessoa DEL compreender sentenças com encaixamento, evidenciando, portanto, sua capacidade de compreender sentenças com elementos –QU.

Em seguida, aplicamos testes que visavam a verificar as habilidades de leitura e de

escrita dos indivíduos DEL. No que diz respeito às habilidades de leitura, verificamos a capacidade, por parte dos indivíduos caracterizados como sendo DEL, de:

- a) compreender globalmente o texto – o indivíduo deveria demonstrar ser capaz de identificar o assunto de que trata o texto e apontar como tal tema é abordado;
- b) ser capaz de identificar gêneros e funções de textos facilmente encontrados no mundo escolar e na sociedade de um modo geral;
- c) e ser capaz de realizar inferências – em que o indivíduo deveria estabelecer relação entre as informações explícitas no texto com aquelas de seu conhecimento de mundo.

Como todos os indivíduos DEL pesquisados eram homens, tentamos elaborar testes com temas mais ligados ao universo masculino, tais como “Homem Aranha”, “futebol” etc.

Descrição dos indivíduos diagnosticados como sendo DEL informantes desta pesquisa e apresentação dos principais resultados após a aplicação dos testes linguísticos

Indivíduo 1

Homem, de 16 anos e é estudante do ensino público, pertencente a uma classe social baixa. Sua mãe relatou que o menino, desde o início da produção da linguagem, geralmente falava somente parte da palavra, não produzindo a outra parte. Hoje, apesar de demonstrar timidez, conversa normalmente, sem que percebamos omissões de flexões verbais e nominais, tempo e aspecto verbais, além de elementos QU-.

Durante a aplicação dos testes, o rapaz

demorava para responder às perguntas que lhe eram dirigidas. A fonoaudióloga sugere ser possível que haja um déficit no processamento auditivo. Em testes que visavam a verificar as habilidades de leitura, o menino, sem demonstrar nenhuma resposta sofisticada, antes, todas as respostas eram sintéticas, apresentou compreender o tema central dos textos, reconhecer o gênero dos textos apresentados e realizar inferências.

No que diz respeito aos testes de produção de texto, foi solicitado ao indivíduo 1 que escrevesse um texto narrativo. Após vários minutos de silêncio e resistência em escrever, sugerimos que ele escrevesse, então, sobre algum outro assunto que o interessasse. Para realizar essa atividade, o jovem escreveu a letra completa de uma música de um grupo de “rap” da qual ele gostava. Desta forma, ele pautou a escrita em um discurso previamente conhecido e sentiu-se aliviado por não ter que elaborar um texto de sua autoria.

Não há relato de histórico de déficit linguístico na família do indivíduo.

Indivíduo 2

Homem, jovem de 17 anos, estudante do ensino público e pertencente a uma classe social baixa. Apresentou um bom desempenho nos testes de compreensão linguística, mas o mesmo desempenho não foi obtido na fala espontânea e nos testes de eliciação. Por exemplo, ao dar respostas, nestes últimos testes, ora os verbos eram usados adequadamente no que diz respeito ao emprego dos morfemas de tempo e ora não. O mesmo desempenho verificou-se no uso de verbos relativamente a aspecto verbal. Vale dizer que esse indivíduo serviu de informante na pesquisa de Hermont (2005), momento em que obteve um desempenho linguístico, em situação de testes que visavam a eliciar tempo e aspecto

verbais, pior do que o averiguado na presente data. Ou seja, apresentou uma melhora no desempenho linguístico relativo à produção e à compreensão da linguagem de 2005 a 2008 (ano em que foram aplicados os testes), ainda que não esteja 100% de acordo com o que se esperava na pesquisa.

O indivíduo 2 somente começou a ler em 2006, com 15 anos, e ainda não escreve. Sua leitura não tem entonação, não há pausas melódicas e ele omite terminações de palavras, durante a leitura. A omissão de partes de palavras ocorre também em sua fala. Ainda nas leituras, o rapaz demonstrou omitir terminações verbais relacionadas a tempo verbal, preposições e algumas conjunções.

No que diz respeito às habilidades de leitura, de um modo geral, o menino saiu-se bem: compreendeu a ideia geral dos textos mais fáceis e aqueles mais difíceis. Conseguiu compreender as funções dos textos, configurando um conhecimento de alguns gêneros, tais como lista telefônica, textos publicitários e notícias e, de forma satisfatória, conseguiu realizar inferências a partir de leitura de textos. Quando o indivíduo errava em testes que visavam a verificar essas três habilidades é porque havia algum nível de sofisticação, tal como um vocabulário mais específico. Vale dizer, entretanto, que todos os temas e textos seriam facilmente lidos e compreendidos por um indivíduo sem problemas de linguagem com desempenho escolar mediano.

Uma importante característica a ser apontada em relação a esse rapaz é que há outros membros da família com desempenho linguístico semelhante ao do adolescente pesquisado, sugerindo-nos a possibilidade de uma herança genética.

Indivíduo 3

O indivíduo 3 é um menino de oito anos, na ocasião da aplicação dos testes, estudante do

ensino público, pertencente à classe social baixa. Escreve o próprio nome. Não lê e nem escreve. Nos testes de eliciação de tempo e aspecto, o menino demonstrou ora usar morfemas de tempo verbal e ora não. O mesmo desempenho foi observado ao verificarmos a produção de morfemas de aspecto verbal. Há problemas também nos testes de compreensão em que estava em pauta a capacidade de compreender sentenças com elementos QU. Suas narrativas são interessantes, mas, em sua fala, são mais recorrentes palavras sem término (pedaços de palavras) e sem flexões e sentenças sem conectivos, do que o contrário.

Como o indivíduo não sabe ler, ao aplicarmos os testes de leitura, líamos os textos e procedíamos às perguntas relativas aos textos. No que diz respeito à habilidade de compreender as informações globais do texto, o menino demonstrou ter dificuldade. Ora falava que não sabia e ora apresentava respostas equivocadas. No que diz respeito a conhecimento de gêneros e de seu funcionamento, o menino conseguiu obter um resultado parcial: ora acertava, ora respondia que não sabia. Às vezes dava respostas erradas. O mesmo resultado foi obtido após a aplicação de testes que visavam a verificar a capacidade de o menino realizar inferências a partir da leitura de um texto. Ora conseguia fazer inferências, ora esse resultado não era alcançado. Portanto, o menino teve resultado melhor quando era solicitado a reconhecer gêneros textuais e seu funcionamento e a realizar inferências do que quando era solicitado a dar respostas relativamente ao tema do texto apresentado a ele.

Vale dizer que a mãe do menino relatou que, quando criança, também apresentou dificuldades na aquisição da fala e da leitura/escrita, tal como o filho.

Indivíduo 4

O indivíduo 4 é um menino de oito anos, na ocasião da aplicação dos testes, estudante do ensino privado, pertencente à classe social média-alta. Escreve o próprio nome, reconhece letras e números, mas não lê e nem escreve. Na verdade, não desenvolveu a fala, tem apenas uma comunicação gestual. Interessante apontar que, ao contar uma história sob forma de gestos e usando partes de palavras, o menino utiliza um recurso para indicar o tempo verbal no passado: ele coloca a mão sobre o ombro e faz um movimento com os dedos para trás. Logo, parece ter a noção semântica de tempo. Em suas narrativas, apenas a fonologia entendia-o. Não há relato de histórico de déficit linguístico na família da criança.

Podemos resumir os desempenhos dos indivíduos pesquisados no seguinte quadro:

Indivíduo diagnosticado como sendo DEL	Produção oral	Compreensão	Leitura	Escrita
1 - 16 anos	Fala sintética, mas sem problemas na produção de flexões, conectivos etc.	Sugestão de déficit no processamento auditivo.	Começou a ler com 10 anos.	A única escrita obtida, em situação de testes, foi a de uma letra de música, já conhecida e memorizada.
2 - 17 anos	Fala sintética: frases curtas, omissão de morfemas de tempo e de aspecto verbais.	Bom desempenho em tarefas de compreensão (principalmente se comparado àquele feito em Hermont, 2005).	Começou a ler com 15 anos. Sua leitura é feita com dificuldades.	Não escreve.
3 - 8 anos	Fala marcada por palavras sem término e sem flexões e sentenças sem conectivos.	Desempenho razoável em tarefas de compreensão, ainda que tenha havido vários erros em situação de testes.	Não lê.	Não escreve.
4 - 8 anos	Muita dificuldade para falar.	Não foi possível aplicar o teste de compreensão nesta criança.	Não lê.	Não escreve.

Quadro 1: resumo do desempenho linguístico em situação de testes

Outro quadro que podemos apresentar é aquela em que podemos evidenciar herança genética nas famílias dos indivíduos considerados DEL nesta pesquisa:

Indivíduo	1	2	3	4
Há casos de distúrbios linguísticos nos parentes dos indivíduos diagnosticados DEL?	Não.	Sim: o pai, a avó paterna e o tio-avô paterno. Seu irmão mais novo também apresenta distúrbios linguísticos, só que mais brandos.	Sim, a mãe relata que falava “tudo embolado” quando criança e que custou para aprender a falar, a ler e a escrever.	Não.

Quadro 2: DEL - relação dos indivíduos del e casos de distúrbios linguísticos na família.

5 - DISCUSSÃO DOS DADOS

A primeira conclusão a que podemos chegar é a que já havíamos apontado: há heterogeneidade de comportamento linguístico entre os indivíduos que apresentam comprometimento no processo de aquisição de linguagem. Parece-nos que, quanto mais novo, mais o indivíduo apresenta problemas de produção e compreensão da linguagem. Têm muita dificuldade de ler e de escrever. Provavelmente, esse quadro, em ambiente escolar, pode levar a criança à indisciplina ou à apatia, pois ele não dá conta de realizar as tarefas solicitadas a ele.

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam para uma melhora nos aspectos linguísticos na seguinte ordem:

6 - COMPREENSÃO ORAL PRODUÇÃO ORAL LEITURA PRODUÇÃO ESCRITA

Ou seja, a entrada para o desenvolvimento/aprimoramento da linguagem, considerando todos os seus vieses, parece ser o da compreensão, seguido da produção oral. Após, o indivíduo aprende a ler e, depois, a escrever. Uma marca que percebemos em

nossos encontros com os indivíduos considerados DEL é que, apesar de haver um aprimoramento da linguagem, não se chega a uma sofisticação no uso das habilidades linguísticas.

Tentemos, agora, responder à primeira pergunta colocada no início deste capítulo: problemas na aquisição de leitura e de escrita podem ser problemas ocasionados por déficits linguísticos subjacentes? Diante do que vimos, sim. Parece que fatores que impedem a aquisição da produção oral e da compreensão da linguagem podem ser também os responsáveis pelo impedimento da aquisição da leitura e da escrita em idade escolar adequada. Muitas vezes, o indivíduo que teve problemas para adquirir a fala e a compreensão, mas que já apresentou um aprimoramento nessas habilidades, pode ter o quadro de dificuldade na aquisição da leitura e da escrita sem que o professor saiba de dificuldades anteriores. Daí a importância de se conhecer toda a vida pretérita do indivíduo, a fim de proceder-se a um diagnóstico mais apurado e, conseqüentemente, a práticas educativas mais adequadas.

Após uma tentativa de responder à pergunta feita no início do capítulo, apre-

sentamos outras questões que advêm desse quadro: como é que as crianças DEL, com o passar do tempo melhoram, compreendendo melhor a linguagem e produzindo falas com conectivos e flexões que antes não produziam? E por que não é possível a aprendizagem de leitura e de escrita aos sete, oito anos e, após longo esforço, às vezes de dez anos, eles começam a lidar com habilidades de leitura e de escrita? Eles usariam outras estratégias além das linguísticas?

Passemos à segunda pergunta apresentada no início do capítulo: todos os problemas de linguagem são derivados exclusivamente de um retardo cognitivo? Estamos diante de um quadro bastante desafiador, pois, se há pesquisadores que conseguem perceber situações de atrasos cognitivos outros que não linguísticos ao lado daqueles de caráter linguístico, não há um só tipo de sintoma ao lado do distúrbio linguístico. Antes, são diversos. Além disso, há inúmeros pesquisadores que afirmam que o DEL parece ser uma síndrome que é especificamente linguística. Na pesquisa feita em 2005 (Hermont, 2005) e nesta apresentada aqui, também não temos motivos claros para apontarmos que o DEL deva ser correlacionado a outros déficits cognitivos. Isso porque, como já apontado, todos os indivíduos não apresentam quadro de retardamento mental, nem autismo, nem surdez, nem problemas motores orais que os impediriam de produzir a linguagem de forma adequada.

Podemos, por fim, fazer uma observação para uma área que vem crescendo e abrindo novos horizontes para o melhor entendimento sobre a representação cerebral e mental da linguagem: é a área dedicada a estudos sobre genética. Até 2001, nenhum

gene havia sido designado para a determinação de distúrbio linguístico. Mas uma publicação de Lai et al. (2001) parece nos acenar para uma evidência mais forte para tal proposição: há evidências de que a mutação do gene FOXP2 provocaria o Déficit Especificamente Linguístico. A mutação desse gene, segundo os autores, tem sido encontrada entre indivíduos que apresentam um conjunto heterogêneo de distúrbios verbais: lentidão no processo de aquisição de linguagem e evidências, na fala, de não utilização, no nível mental gramatical, de regras produtivas de palavras.

Diante do que trouxemos aqui, fica evidente que devemos procurar conhecer as causas de dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita e a melhor forma de fazermos isso, por enquanto, é verificarmos as características que impedem o aprendizado de tais habilidades, a fim de corroborar nos processos de intervenção pedagógica, fonoaudiológica e psicológica.

REFERÊNCIAS

- BENSON, D. F.; GESCHWIND, N. The aphasia and related disturbances. In: MESULAN, M. M. Principle of behavioral neurology. Philadelphia: FA Davis, 1985. p. 193-238.
- HERMONT, Arabie Bezri. Tempo e aspecto no déficit específico de linguagem. Rio de Janeiro, 2005. 273 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Rio de Janeiro.
- JAKUBOVICZ, Regina. Atraso de linguagem. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.
- LAI, C. et al. A fork-head-domain gene is mutated in a severe speech and language disorder. Nature, v. 413, p. 519- 523, 2001.
- LEONARD, Laurence. Children with specific language impairment. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology, 1998.

RICE, Mabel L.; WEXLER, Kenneth. Specific

language impairment as a period of extended optional infinitive. *Journal of Speech & Hearing Research*, v. 38, p. 850-864, Aug. 1995.

TOMBLIN, J. Bruce. Epidemiology of specific language impairment. In: GOPNIK, Myrna. *The inheritance and innateness of grammars*. New York: Oxford, 1997.

VAN DER LELY, Heather K. J; STOLLWERCK, Linda. A grammatical specific language impairment in children: an autosomal dominant inheritance?. *Brain and Language*, v. 52, p. 484-504, 1996.